

MONTEIRO LOBATO: APLAUSOS E APUPOS À CULTURA FRANCESA

CASSIANO NUNES (UnB)

Ao fazer a leitura da correspondência enviada por Monteiro Lobato ao cientista e político Arthur Neiva, surpreendi-me ao encontrar nela um sentimento que nunca antes entrevira no escritor paulista: a luso-fobia. Antes o que conhecia de Lobato, com relação a Portugal, era um entusiasmo forte, contagiente, por Camilo Castelo Branco. Imaginei que a paixão pelo romancista do *AMOR DE PERDIÇÃO* se prolongasse pela nação a que ele pertencia. Mas não. Lobato amava o admirável prosador mas desdenhava da sua terra. O ressentimento de Monteiro Lobato relativo a Portugal era explicado decerto pela forte influência que, naquela época, a colônia lusa exercia sobre a sociedade brasileira, sobretudo no Rio de Janeiro. Para um nacionalismo conforme as idéias de Lobato, visando a expressão pura, autêntica, dos brasileiros, a descaracterização da nossa cultura, parcialmente em virtude do impacto dos imigrantes portugueses, representava uma dolorosa constatação, de que resultava amargo rancor. Situação igual ou parecida era vista por Lobato, no tocante à cultura francesa. O encantamento de Lobato por Balzac e Stendhal não diminuía a sua má vontade contra a cultura francesa, porque via nela uma força dominadora subjugando a espontaneidade do Brasil.

Desde a primeira obra que lançou anonimamente em 1917, o inquérito do Saci-Pererê, o tema principal dos escritos do inventor de Jeca-Tatu era a defesa da personalidade nacional. Esta posição o coloca ao pé dos modernistas, ou melhor, como um predecessor dos próprios modernistas. Muito possivelmente o que o afastou dos modernistas, foi a atração deles pelos *ismos* franceses. Lobato começava, então, a sua carreira de intelectual, testemunhando a submissão do espírito nacional às culturas portuguesa e francesa. Especialmente à francesa. Na conclusão que apóe à pesquisa sobre o saci, Lobato justifica o seu interesse pelo folclore em vista dele ser um revelador da alma do povo. Fazendo uma defesa da criatividade popular, Lobato acusa a sociedade brasileira de bovarista, incapaz de conhecer-se a si mesma. É assim que se manifesta: "O estudo das credices populares revela o povo em sua íntima textura psíquica. Revelar é conhecer. O conhecimento do povo, e só ele, ensina os meios, os canais, a arte de educá-lo. Procedemos, nós educadores, assim? nós, Rio e São Paulo, nós Capilé dirigente? Não, em ocasião nenhuma, ao criar um instituto político ou literário, ou educador de qualquer natureza ou grau, o governo, cuia oca à qual delegamos a tarefa de pensar e agir, pôs-se em face do material humano, como o temos. A mais simples reforma eleitoral, por exemplo. Em vez do legiferante arrumar diante de si, enfileiradas criaturas vivas que vão executar o ato do voto, e dar-lhes leis consoantes seu feitio mensal, ajeitadas, às suas taras conformadas pelas suas bossas, atendidas todas as idiossincrasias que o individualizam, ele, legislador, oh pândego de sob recasaca! ergue diante dos olhos o homem ideal dos filósofos utopistas, uma joãojacquesrousseauice de pernas de pau e fígados de palha, entidade zoológica inexistente, absurda, grotesca, puro mundo da lua; e talha o fato para esta fantasmagoria antropológica. Pronta a veste, da primeira vez que vai a uso, o eleitor ao envergá-la vê que não serve, está curta a calça, o paletó abotoa atrás, os bolsos às avessas. Mas é preciso vesti-la. Veste-a à força e rompem as costuras, saltam botões, estalam os cós, o chapéu enterra-se até a orelha".¹

Os primeiros anos da vida literária de Lobato são dedicados à defesa da cultura brasileira, interessam-lhe os pensamentos e os costumes dos seus patrícios, mas depois da sua estada

nos Estados Unidos, ele se devotou principalmente a aspectos pragmáticos como a fundição de ferro ou a exploração do petróleo. Estas constituíram as suas duas maiores campanhas, sem dúvida, mas interessou-se também por empreendimentos menores como o reconhecimento das qualidades do babaçu, a fabricação de farinha de banana ou a melhoria da fruticultura do país.

Lobato salientou-se no Brasil como um dos intelectuais que mais atenção deu ao anglo-saxão. Numa época de completo domínio do livro francês no nosso ambiente, ele lia os ingleses e até os norte-americanos. Provavelmente Mark Twain tenha influenciado o seu humorismo. Mas a literatura francesa também era muito lida por ele e seu grupo de juventude. Chamava-se este o Cenáculo e era composto, além de Lobato, por Godofredo Rangel, Ricardo Gonçalves, Lino Moreira, Albino de Camargo, Raul de Freitas, Tito Brasil, J. Almeida Nogueira e Edgard Jordão. Esses jovens não só liam muito - Rangel leu todo o Daudet -, mas chegaram a criar uma fantasia, à base do TARTARIN DE TARASCON. Cada um dos rapazes se atribui o nome de um personagem do encantador romance. Godofredo Rangel era Bezuguet. Suas saudações eram feitas à maneira do TARTARIN. E havia até um hino do grupo inspirado no livro de Daudet. A BARCA DE GLEYRE, reunião das cartas de Lobato enviadas para Godofredo Rangel, em Minas, durante 40 anos, é uma das obras mais originais e apaixonantes das letras brasileiras. Por meio de sua leitura acompanhamos o destino dos componentes do Cenáculo.

O interesse de Lobato por autores ingleses, norte-americanos, alemães (lidos em francês) e até pelos russos que o galvanizaram, não impediam que o jovem estudante de Taubaté não lesse, e muito, os franceses. É o que ficamos vendo pelo que ele escreveu numa carta dirigida a Rangel, em 28 de dezembro de 1903: "Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa com Mirabeau, Theroigne, de Mirecourt, Lafayette e o resto, recita-me arengas de Lameth, Robespierre e Marat; descreve-me o caráter altivo de Mme. Veto, de par com a molenguice toicinhenta de Luis 16. Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na história de Gervaisse Coupeaux, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanazinha. Ainda há pouco ao fechar o ASSOMOIR, estava Zola a descrever-me

o jantar da **blanchisseuse avec un tas d'amis ouvriers, polissons plein de gaité, de débarbouilllements, de fripouilles emousseuses.** Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da Índia primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes: e eu assustado fecho o livro - fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan - o sereno evocador da verdade. Renan é água clara e filtrada. Descansa-me.²

Lobato faz uma crítica sempre muito pessoal e fervorosa de cada um dos autores que lê. Vamos apresentar aqui alguns desses comentários críticos. De Zola, em determinada carta da BARCA DE GLEYRE, ele deixa um julgamento ambivalente: "E eu estava cansado, esmagado, pela genial estopada do maçante Zola no TRAVAIL ...³ O que pensa sobre Zola fica mais explícito numa carta escrita um pouco depois: "Acho Graça Aranha novo. Abre caminho para o artista-filósofo, o artista da cultura moderna que há de substituir os meros naturalistas descritivistas à Zola (mas sem o gênio esmagador de Zola). Zola me lembra o martelo-pilão das fábricas de ferro; os seus imitadores são martelos de quebrar coquinhos. O naturalismo foi uma reação violenta contra os exageros do classicismo. Mas o naturalismo passou da conta e por sua vez está provocando reações. O naturalismo acabou em fotografia colorida."⁴

Um escritor crente na naturalidade, na organicidade, da obra literária, como Lobato, devia forçosamente desadorar um artista devotado à perfeição como Flaubert. Desde cedo, ele manifestou o seu desagrado pelo asceta da ficção. Comparando-o a Nietzsche (lido em francês), que se tornou um dos seus ídolos, Lobato confessa a sua falta de afinidade com o criador de MADAME BOVARY, embora sem deixar de reconhecer a sua grandeza: "Que estilo (o de Nietzsche), Rangel! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de tatorana; vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, vôa de pulo em pulo - e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta. É a mais prodigiosa irregularidade artística. Quando leio Nietzsche sinto ódio contra Flaubert, o Impedível. Nietzsche é o grande pecador."⁵ Noutra carta de fevereiro de 1905, Lobato, o crente na espontaneidade, clareia um pouco mais a sua opinião sobre Flaubert: "Eu não disse

(e se dissesse retrato-me) que Flaubert não é artista, e sim que Flaubert me desagrada, me maça seriamente, e que me tem sido uma pura **corvée** a leitura dos seus livros. Idiossincrasia de temperamento, vulgaridade de espírito, qualquer inferioridade minha enfim - mas sinceridade, coisa de que te divorciaste na crítica a Zola, onde fizeste esgrima de epigramas e ironias - em **boutades**, como lá diz o francês.⁶ Numa carta de 19 de agosto de 1905, a Rangel, Lobato ratifica a sua birra com Flaubert, e o faz em termos perfeitamente esclarecedores: "Gostei do teu tédio post-flaubertiano. É prova de mais um encontro nosso. A canseira que o excessivo trabalhado de estilo dava a Flaubert penetra também o leitor. Cansaço por indução. Para mim é como se assistisse a uma ópera em teatro de vidro, onde os cenários e as paredes transparentes deixassem ver toda a maquinaria oculta. Um anjo passa voando na apoteose final e toda a beleza do vôo lá se vai porque o espectador está vendo os arames da suspensão. O trabalhado de Flaubert transparece em toda a sua obra - ou é sugestão minha por saber que ele trabalhava demais as frases? Às vezes gastava todo um dia com uma delas, a esgueirá-la em todos os tons".⁷

Os escritores franceses mais apreciados por Lobato foram Balzac, Stendhal e Renan, e isto pondo de lado, como uma singularidade, Daudet, uma predileção do afeto. Eis o que responde a Rangel, quando este lhe pergunta se já leu os **CONTES DRÔLATIQUES**: "CONTES DRÔLATIQUES? Sim, conheço. Balzac é grande em todos os gêneros - e igualmente o contrário de Flaubert em todos."⁸ Em 1914, já fazendeiro - como fazendeiro Lobato escreveu a maior parte da sua obra literária - o autor de **CIDADES MORTAS**, em missiva ao seu amigo mineiro, tem a oportunidade de exprimir a sua grande admiração por Balzac: "Ontem perdi o sono e conclui a leitura de **COUSINE BETTE**. Rangel, Rangel! Balzac me assombra. É gênio dos absolutos. Lembro-me duma imagem de Zola comparando a obra de Balzac a um colossal edifício inacabado - tijolos nus, andaime, só o arcabouço externo. Não é nada disso. Não tem nada de inacabado - mas Balzac não é homem que desça a truques, remates, ornatos secundários. Pinta a largas espatuladas. Diz o essencial, cria blocos apenas, formidáveis blocos, não alisa a pedra, não usa lixas, não lhes enfraquece a grandeza. Que tipos! Que prodígios! Que coerência! Que ferti-

lidade! Que mina! Que celeiro de idéias e imagens! Que multidão de gente viva estua dentro dos seus romances! Como perto dele é pálido e artificial Zola com sua arte mecânica, sua lógica invariável, seu romantismo despido de belezas heróicas do romantismo! Balzac nem em capítulos divide a narrativa. Aquilo rompe e rasga, e vai numa catadupa tumultuosa, numa avalanche até o fim. **Quel puissance!** Já li CESAR BIOTTEAU e a COUSINE BETTE, e afundo-me agora em toda a sua obra, como num mar. Já não dispenso todo Balzac!⁹

O entusiasmo de Lobato por Stendhal não era menor que o que ele dedicava a Balzac. A Rangel, informativo, quase didático, Lobato diz de sua grande admiração pelo autor de O VERMELHO E O NEGRO: "Se gosto de Stendhal? Imenso. Amigo velho na história da pintura, nas viagens, nas **promenades** em Roma, no LE ROUGE ET LE NOIR (um assombro!), na CHARTREUSE DE PARME. A descrição que Stendhal faz da batalha de Waterloo é a maior das maravilhas. O herói não viu nada, só viu a si mesmo e aos companheiros mais próximos, e as cercas que andou pulando na fuga. Mais tarde é que veio a saber que **aquilo** fora a famosa batalha de Waterloo. No LE ROUGE ET LE NOIR o vermelho é o espírito napoleônico e o preto é o padre - a Reação. Stendhal tem relâmpagos: é sempre original, quase sempre sincero e poucas vezes atraente (atraente à moda dos "fáceis"). Gênio."¹⁰

Em carta de 1909, Lobato confirma o seu alto julgamento de Stendhal: "Quanto mais leio Tolstoi e Stendhal mais os tenho como dois picos supremos. São verrumas da alma humana."¹¹

Também Renan recebe elogios do exigente leitor de Taubaté: "Diz Faguet que Renan dissimula de tal modo a técnica de construir frases que deixa a ilusão de não ter nenhuma - e está aí um dos maiores encantos de Renan, o Dissimulado".¹² Já antes oferecendo a Rangel, para leitura, os seus livros, Lobato subscreve uma opinião positiva a respeito de Renan: "Tenho muitas novidades. Quando tua provisão aí escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro - e que homem! Que estilo de fonte!"¹³

Daudet é, para a turma do Cenáculo, um autor especial, mais que um escritor um amigo, por quem se sente ternura, um companheiro agradável que faz bem à alma. Lobato, numa carta de 1907,

estabelece este ponto de vista: "O que achas dos autores com os quais travamos conhecimento é o que se dá com amizades pessoais. Quando topamos um amigo novo e com ele nos abrimos, não abrimos coisa nenhuma - tudo é reserva e vaga hostilidade. Só depois quando o convívio desfaz esse velho sentimento do **hospe**s hostes, é que começamos a conhecer o prazer da amizade. Por que tanto nos encantamos com Daudet? Porque é o nosso amigo literário mais velho - precenacular ainda."¹⁴

Foi muito grande o número de autores franceses lidos pelo Lobato da juventude, uns muito bons, outros de valor discutível de modo que, em 1916, ele explodiu para o indefectível Rangel: "Minha livraria é duma pobreza incrível em livros de língua portuguesa. Quase tudo francês. Uma vergonha."¹⁵

Além dos autores já citados, foi muito grande o número de escritores franceses que foram lidos por Lobato, segundo o testemunho da sua correspondência com Godofredo Rangel. Lobato leu Paul Bourget, Maupassant, Adrien Delpech do ROMAN BRÉSILIEN, Marcel Prévost, Taine, Montaigne, Mirbeau, George Sand, Huysmans, os Concourt, Banville, Rabelais, o Marquês de Sade, Anatole France, Barbey d'Aurevilly, Pierre Loté (a quem rebaixou), Fabre, Michelet, Karr, Fontenelle e Voltaire.

No entanto, a literatura fútil, "sorriso da sociedade", feita na França do princípio do século, embora atrativa e recreativa, cansou Lobato, que, enfadado, assim se expressou ao seu correspondente: "Tenho muito lido em inglês - viagens. Há, cá uma porção de números do Wide World Magazine e do Strand. Enjoei-me do francês. Quanto ao Bourget, minha opinião é que vendas os 18 volumes a algum fogueteiro. Não há ar nessa literatura francesa. E lembra-te, menino, que a arte é longa e a vida breve. Como perder tempo com bobagens? Ler é coisa penosa: temos de mastigar, ensalivar e engolir - e que grande tolice comer palha! Alimentemo-nos dos Sumos - os Balzacs, os Shakespeares, os Nietzsches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills. Theuriets, Ohnets, isso é palha. Bourget tem MENSONGES. Fiquei, aí. Dezoito volumes de Bourget! Como te foi nas unhas tamanha papela?"¹⁶

Formado na absorção enriquecedora das culturas lusa e francesa

cesa, cujos valores ninguém pode constatar, como toda a gente no país se educava, Lobato viu-se forçado a manter uma atitude agressiva contra os seus patrícios que amavam a macaqueação do alienígena e destruíam os rebentos desta cultura emergente: a brasileira. Lobato chegou numa época - as primeiras décadas deste século - em que para os espíritos agudos era duro ver a incipiente cultura brasileira sufocada pelos elementos das culturas estrangeiras. Em todos os seus livros literários, que formam a primeira parte da sua obra, o autor de URUPÊS faz a defesa da criação autóctone em todas as ocasiões. O livro de Lobato, que reúne artigos já publicados na imprensa, e que tem o título de IDÉIAS DE JECA TATU, já no prefácio faz referência à sua atitude calidamente reivindicadora: "Uma idéia central unifica a maioria destes artigos, dados à estampa em "O Estado de São Paulo", na "Revista do Brasil" e em outros periódicos. Essa idéia é um grito de guerra em prol de nossa personalidade... A corrente contrária propugna a vitória do macaco. Quer no vestuário a cinturinha de Paris; na arte, os "aveugles-nés"; na língua o patuá senegalesco. Combate a originalidade como um crime e outorga-nos de antemão, o mais cruel dos atestados: és congenialmente incapaz duma atitude própria na vida e nas artes; copia, pois, ó imbecil".¹⁷

A defesa do que nos é próprio não ficou evidentemente só no prefácio. No capítulo "Estética Oficial", Lobato, com maior paixão, expõe o seu pensamento: "Semelhantemente, à luz do ponto de vista brasileiro era de desejar que a França fosse traga- da por um maremoto a fim de permitir uma livre e pessoal desen- voltura a nossa individualidade. Porque ela está nos pondo "fai- sandés" antes do tempo.

Enerva a persistência na macaúice.

Já Euclides da Cunha entreabriu nos SERTÕES as portas interiores do país. O brasileiro galicizado do litoral pasmou: pois há tanta coisa inédita e forte e heróica e formidável cá dentro?

Revelou-nos a nós mesmos. Vimos que o Brasil não é São Paulo, enxerto de garfo italiano, nem Rio, alporque português. A arte percebeu que se lhe rasgavam amplíssimas perspectivas. Se ainda não flechou para tais rumos é que ainda tolhidinha de ar-

tritismos vários. Questão de tempo e iodureto..."¹⁸

Os anos passaram. O modernismo, após um namoro com os ismos estrangeiros, decidiu entregar-se a uma intensa procura do Brasil, que resultou num vivo levantamento da nossa terra e nosso povo. Depois de trinta, então, a criação literária, nas diversas regiões da nação, surgiu florescente, de modo especial se salientando o "romance do Norte". Lobato saudou com entusiasmo Jorge Amado. Feliz ele contemplava o declínio do macaco e o triunfo do artista brasileiro.

A cultura brasileira, independente, pode agora dialogar e conviver com outras culturas, assim estabelecendo-se um sereno e fecundo intercâmbio. Presentemente, se fosse vivo, poderia Lobato ler tranquilamente o seu Voltaire, o seu Balzac, sem a preocupação de se defender uma cultura humilhada - a nacional.

NOTAS

¹**O Sacy-Pererê. Resultado de um inquérito.** Seção de Obras de O Estado de São Paulo, s/d, p.284.

²Monteiro Lobato. **A Barca de Gleyre.** São Paulo Cia. Editora Nacional, 1944. pp.18 e 19.

³Monteiro Lobato. Op.cit., p.26.

⁴Monteiro Lobato. Op.cit., p.29.

⁵Monteiro Lobato. Op.cit., pp.37 e 38.

⁶Monteiro Lobato. Op.cit., p.57.

⁷Monteiro Lobato. Op.cit., pp.66 e 67.

⁸Monteiro Lobato. Op.cit., p.142.

⁹Monteiro Lobato. Op.cit., p.242.

¹⁰Monteiro Lobato. Op.cit., p.29.

¹¹Monteiro Lobato. Op.cit., p.156.

¹²Monteiro Lobato. Op.cit., p.67.

¹³Monteiro Lobato. Op.cit., p.13.

¹⁴Monteiro Lobato. Op.cit., p.121.

¹⁵Monteiro Lobato. Op.cit., p.303.

¹⁶ Monteiro Lobato. Op.cit., p.77.

¹⁷ Monteiro Lobato. *Idéias de Jeca Tatu.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1950. p.XI.

¹⁸ Monteiro Lobato. Op.cit., pp.48 e 49.

